

VITÓRIA DO AMOR

Era um casal invejável,
 Antonio e Dona Constança.
 Os seis anos de casados
 Não lhes haviam trazido
 A bênção de uma criança.
 Declaravam-se cansados
 De procurar medicina;
 O bebê não vinha ao berço,
 Nem menino, nem menina.

Certo dia, o esposo Antonio
 Disse a Constança: "Querida,
 Você se lembra de Mena,
 A nossa ex-empregada,
 Há dois anos demitida?"

- "Recordo"... - afirmou a esposa.
 - "Pois note", tornou Antonio,
 Falando compadecido:
 - "Ela deu-me hoje notícias
 Por telefone, a chorar...
 Diz ter tido uma criança,
 Sem casa para morar.
 Resolveu ser mãe solteira,
 Reside em cantinho à-toa,
 Dorme em paupérrima esteira
 Por bondade da patroa...
 É pobre moça da roça
 E disse que, se quisermos,
 A criança será nossa."

Dona Constança, contente,
 Coração bondoso e amigo,
 Gritou, jubilosamente:
 - "Antonio, a filha de Mena
 Não sofrerá desabrigo.

Vendo você satisfeito,
Será nossa!... Não vacilo.
Irei à maternidade
Buscá-la. Fique tranquilo."

Constança trouxe a menina,
No máximo de emoção,
Enquanto Mena, a mãezinha,
Chorava de gratidão.

Tudo mudou no casal,
Desde aquele belo dia;
O lar brilhava de amor
Em luminosa alegria...
Tudo paz e segurança!...
Mas oito dias depois,
Dona Aurora, a mãe de Antonio,
Viúva rica e orgulhosa,

Quis ver a neta adotiva,
Que parecia uma rosa,
E fez terrível carranca...
Irritada, disse à nora:
- 'Foi um mau passo, Constança!...
Não aceito essa menina
Partilhando a minha herança;
Não concordo com vocês,
Nosso sangue ela não traz.
Deus permita que ela morra,
Que morra e nos deixe em paz.'

Desde esse dia, a criança
Adoeceu de repente;
De corpo todo em feridas,
Era um farrapo de gente...
O pediatra amparou-a,
Fazendo esforço tremendo...
Receitava, receitava,
E a pequenina morrendo.

Falou Constança ao marido:
 - "Vamos noutra direção.
 Você já terá ouvido,
 Em comentários a esmo,
 Quanto vale, em qualquer vida,
 A força da vibração.
 Para mudar minha sogra,
 Vou mentir!... Direi que a neta,
 Enferma e triste, a morrer
 É sua filha direta...
 Direi que não será justo
 Deixá-la assim desprezada,
 Que é sua filha, às ocultas,
 Com a nossa ex-empregada..."
 Antonio aprovou a idéia.
 Espantada, ouvindo a nora,
 Depois de grande silêncio,
 Assim falou Dona Aurora;
 - "Eu logo vi a trama,
 Essa empregada pamonha
 Conquistou meu pobre filho,
 Rapaz de pouca vergonha..."

Nós duas vamos agir,
 Sem afronta ou desacato,
 A menina tem seu sangue,
 Precisa de muito trato.
 É isso, Constança, é a vida
 Que nós sonhamos no bem,
 A fazer-se desengano,
 Ninguém preserva ninguém...
 Você suporte meu filho
 Sem qualquer choro ou querela...
 Minha netinha querida!...
 Eu cuidarei também dela..."

A menina, em poucos dias,
 De manhã para manhã,
 Estava agora mais linda,
 Com faces cor de romã.

Após alguma semanas,
 Achando o momento exato,
 Antonio disse a Constança:
 - "Sou a você muito grato,
 Você não mentiu, querida,
 Essa criança tão bela
 É minha filha, de fato..."

Disse Constança, sorrindo,
 Na maior descontração:
 - "Antonio, se a menininha
 É sua filha, no lar,
 Passo então a declarar
 Que ela será também minha!...
 O que houve não me humilha,
 Digo com justa razão..
 Sua filha é minha filha,
 Filha do meu coração!..."

FOFOCA

Desde Duque de Caxias,
 Dona Ofélia estava em pranto,
 No ônibus de carreira
 Repleto por todo canto.
 Junto dela, estava o esposo,
 O Professor Irineu.
 Um amigo que se aproxima,
 Após saudá-los, pergunta:
 - "O que foi que aconteceu?
 Dona Ofélia assim chorando?"
 O professor aclarou:
 - "Ela chora com razão,
 O nosso Prata morreu..."
 - "Qual foi a causa da morte?"
 Disse o amigo tristemente,
 E o professor respondeu:
 - "Ele morreu de repente."